



VIDA E MORTE DE UMA ESCULTURA ALEGÓRICA:
UMA ANÁLISE DO REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS
NA CONFECÇÃO DO CARNAVAL CARIOCA

LIFE AND DEATH OF AN ALLEGORIC SCULPTURE:
AN ANALYSIS OF THE REUSE OF MATERIALS IN THE
MAKING OF CARNAVAL CARIOCA

Mauro Cordeiro de OLIVEIRA JUNIOR¹

Yuri Marcos Alves da COSTA²

¹ Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: maurinhocoj@hotmail.com

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: yurimarcosadc@gmail.com





RESUMO

Este breve ensaio tem como objetivo analisar a trajetória de uma escultura carnavalesca, mobilizada em narrativas distintas e por diferentes agremiações. A partir do processo de reaproveitamento de materiais na confecção dos desfiles das escolas de samba da Série A do Rio de Janeiro, acompanhamos o recente caso de reaproveitamento de uma escultura alegórica em suas diversas aparições, conhecida no universo do carnaval como Madre Teresa de Calcutá. Assim, damos luz a capacidade de ressignificação que um mesmo objeto ganha em desfiles diferentes. Amparados pelo processo ritual de vida e morte das alegorias proposto por Cavalcanti (2012), acreditamos que essa prática de reaproveitamento de materiais contribui para sua manutenção.

PALAVRAS-CHAVE

Reaproveitamento; Ressignificação; Escolas de Samba; Trajetória dos objetos.

ABSTRACT

This short thesis aims to analyze the trajectory of a carnival sculpture, mobilized in different narratives and by different associations. From the process of reusing materials in the making of the parades of the samba schools of the A series in Rio de Janeiro, we follow the recent case of reusing an allegorical sculpture in its various appearances, known in the carnival universe as Mother Teresa of Calcutta. Thus, we give light to the resignification capacity that the same object gains in different parades. Supported by the ritual process of life and death of allegories proposed by Cavalcanti (2012), we believe that this practice of reusing materials contributes to its maintenance.





WORDKEYS

Reuse; Resignification; Samba schools; Trajectory of objects.

INTRODUÇÃO

O desfile das escolas de samba do carnaval carioca é um espetáculo de luzes, cores e sentimentos. Ano após ano, o cortejo ritual das agremiações conta e reconta histórias, apresenta personagens, discute e propõe ideias através da arte popular. Esta tradição quase centenária é o resultado de um longo processo de produção. Um desfile é construído de forma coletiva pelo trabalho, dedicação e criatividade de diversos sujeitos, através da interação de saberes e práticas plurais que se complementam para promover o espetáculo que se vê na avenida.

Se há de um lado a arte dos saberes ancestrais e filosóficos dos tambores, em suas múltiplas gramáticas³, e dos corpos que a ele reagem; a visualidade também é parte fundamental do préstito carnavalesco das escolas de samba.

Construídas a partir do associativismo das camadas populares, majoritariamente negras, dos territórios periféricos da cidade do Rio de Janeiro, as escolas têm na cultura do samba o seu alicerce. Ao longo do seu processo histórico de afirmação e desenvolvimento, a visualidade foi ganhando importância ou, para alguns autores, primazia⁴.

Neste breve ensaio, escrito a quatro mãos, analisaremos a trajetória de uma escultura carnavalesca e seu trânsito entre diferentes escolas de samba servindo para narrativas de enredos distintos. Considerando que objetos

³ SIMAS, Luiz Antônio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

⁴ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.





materiais produzem efeitos, engendram relações e significam, através da análise da trajetória de uma escultura em particular pretendemos mostrar como estes artefatos, que são performativos no contexto dos desfiles, possuem agência.

A agência social pode ser exercida em relação às “coisas”, assim como pelas “coisas”. O conceito de agência social tem de ser formulado dessa maneira consideravelmente permissiva por razões empíricas, bem como teóricas. Acontece, claramente, que as pessoas formam relações sociais com as “coisas”. (GELL, 2020, p. 47)

Heramos de Kopytoff (2008) a ideia de uma biografia das coisas. Uma escultura carnavalesca é um artefato e, neste trabalho, iremos acompanhar a vida social de um artefato a partir das suas aparições públicas no ritual competitivo que são os desfiles onde cumpre a função de produzir efeitos sobre o público: espectadores e jurados.

1. PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE ESCULTURAS CARNAVALESCAS

O reaproveitamento de materiais é uma prática muito comum entre as escolas de samba. Seja de esculturas, fantasias, plumas, ferragens, madeiras, as agremiações estão sempre buscando formas de diminuir os custos na construção dos seus desfiles. Se tratando das escolas de sambas dos grupos de acesso, cujo repasse de verbas é menor se comparado as escolas do Grupo Especial, o reaproveitamento de materiais acaba sendo uma solução mais barata para colocar a escola na avenida. Após o desfile, as escolas retornam aos seus barracões e começam um processo de triagem, separando os materiais que podem ser reutilizados no próximo carnaval. Muitos desses materiais, como esculturas alegóricas e fantasias, são vendidos ou até mesmo doados pelas “coirmãs”, evidenciando uma relação de apadrinhamento, segundo





Barbieri (2011). Podemos também pensar nestes objetos como mercadorias segundo a definição de Kopytoff (2008, p. 95) “algo que tem valor de uso e que pode ser trocado por uma contrapartida”. Estes objetos se mercantilizam na medida em que são negociados, trocados, vendidos e comprados para que depois sejam transformados, modificados para servirem a uma nova escola, um novo desfile, configurando um circuito de mercadorias carnavalescas.

Para aqueles com olhos mais atentos, não é raro a sensação de déjà vu quando uma alegoria que reutiliza esculturas de outros desfiles cruza a avenida. Elementos que outrora contaram a história de um determinado enredo, são inseridos em um novo contexto, sofrem algumas adaptações estéticas, como pinturas, e dão vida a um novo desfile.

Esse processo de reutilização e ressignificação ocorre diversas vezes. No caso das esculturas alegóricas, quando reutilizadas, elas podem ou não ter relação com seu uso original, mas sempre contarão um novo enredo. A fim de ilustrar essa prática, este breve ensaio traz luz a um caso recente de reaproveitamento no universo do carnaval: a escultura que ficou conhecida como Madre Teresa de Calcutá, que compôs a última alegoria do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel em 2018, e retornou nos dois seguintes carnavais no G.R.E.S. Acadêmicos do Sossego, 2019 e 2020, resultando em três abordagens diferentes para uma mesma escultura.

2. A PRIMEIRA APARIÇÃO

A primeira aparição da escultura da Madre Teresa foi em 2018, ano em que a Mocidade Independente de Padre Miguel trouxe para a Marquês de Sapucaí, palco do maior espetáculo da terra, localizado no centro do Rio de





Janeiro, o enredo “Namastê... a estrela que habita em mim, saúda a que existe em você”, do carnavalesco Alexandre Louzada. O enredo propunha uma união entre Brasil e Índia, elencando suas proximidades culturais.

A escultura em destaque veio na última alegoria, intitulada “O triunfo do bem e da fé” que representava o Templo de Lótus, em Nova Deli, lugar de culto a fé Baháí, crença que enfatiza a tolerância entre os desiguais. De acordo com o livro *Abre -Alas* (LIESA, 2018), a figura de Madre Teresa aparece nessa alegoria por conta dos seus feitos, que se aproxima da máxima da religião hindu em que “os mensageiros divinos revelam suas mensagens através de atitudes concretas, não apenas por palavras”. A alegoria era toda branca, com detalhes em tons verdes fluorescente. A escultura da Madre Teresa veio em destaque, com as mãos unidas e um pequeno crucifixo na lateral esquerda, e no rosto uma expressão forte e sorridente.



Foto: Gabriel Cardoso – Site Carnavalizados

3. SEGUNDA APARIÇÃO

No ano seguinte, a escultura passou mais uma vez na avenida abrilhantando dessa vez no desfile do G.R.E.S Acadêmicos do Sossego, que levou para a avenida o enredo “Não se meta com minha fé. Acredito em quem quiser” dos





carnavalescos Leandro Valente e Rodrigo Almeida, cuja mensagem principal era a defesa da liberdade religiosa. Ao longo do desfile, diversos tipos de religiões foram mencionados em sinal de comunhão e paz entre elas.

Nessa segunda aparição, a então escultura da Madre Teresa veio representado a Santa Morte, figura sagrada cultuada no México. Aqui, ela aparece totalmente diferente da primeira vez. Para além da resignificação do sentido para melhor adequação no enredo, a escultura passou por modificações estéticas, recebendo uma nova pintura. O rosto sorridente deu lugar a um rosto sombrio. Nessa versão, as mãos unidas permaneceram e o pequeno crucifixo desaparece.



Foto: Henrique Matos – Site Carnavalesco

4. TERCEIRA APARIÇÃO

Desenvolvido pelo carnavalesco Marco Antônio Falleiros, a agremiação de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro, trouxe para a avenida o enredo “Tambores de Olokum”. O desfile se propunha a celebrar o cortejo do Maracatu e suas raízes diaspóricas, históricas e religiosas, originado em Pernambuco em meados do século XVIII, elencando grupos de percussão que mantem viva ainda hoje essa tradição.





Em sua terceira aparição, a escultura de Madre Teresa, ressignificada mais uma vez, agora se transforma em Nossa Senhora do Rosário. A escultura aparece na última alegoria do desfile, intitulada “O samba vai nas águas da vitória pra Sossego fazer história”, que representava a união do Maracatu Nação, de Pernambuco, e a agremiação carioca. No carro alegórico havia uma grande igreja em dourado, com adesivos que remetiam aos vitrais das igrejas católicas, rodeada por esculturas de anjos também em dourado (e que certamente foram reaproveitadas de outros carnavais) e na parte da frente em destaque a escultura da santa. Nesta aparição, ela deixa para trás aquele ar sombrio do desfile anterior e recebe uma nova camada de tinta e um grande véu feito de tecido branco.



Foto: Allan Duffes e Nelson Malfacini – Site Carnavalesco

CONCLUSÃO

A prática de reaproveitamento de materiais, como já citado, é bastante comum na elaboração dos desfiles entre as escolas dos grupos de acesso (Araújo, 2008; Barbieri, 2011), principalmente quando se trata de esculturas alegóricas. Mas o que chama a atenção é a capacidade de ressignificação





que esses objetos ganham a cada desfile, a maneira como os carnavalescos mobilizam esses objetos a fim de garantir com que o público e os jurados entendam o enredo que está sendo contado.

De acordo com Cavalcanti (1994; 2006), as alegorias têm a função de pontuar a passagem da escola na avenida a partir dos itens presentes no enredo, expandindo-os e esgarçando-os. “As alegorias dizem uma coisa, significam muitas, num jogo livre de alusões” (p. 24, 2006). Para a autora, essa simultaneidade de sentidos faz parte da natureza das alegorias. Desse modo, assim como a arte está imbuída de inúmeras interpretações, a reutilização de escultura no carnaval, que também pode ser lida como uma expressão de arte popular, pode ganhar outros significados.

No caso da escultura da Madre Teresa, ainda que em todas as suas aparições a ideia da religiosidade estivesse presente, os enredos eram distintos, permitindo essas possíveis ressignificações. Em cada uma de suas aparições a escultura ajudou a construir uma narrativa específica e, dentro dessa especificidade, ela sofreu alterações materiais para que também pudesse permitir leituras diferentes. Este processo coloca em cena diversos profissionais no barracão para que a escultura, o objeto, pudesse ganhar nova característica e produzir no público o efeito desejado da narrativa em questão.

Cavalcanti (2012) também descreve que as alegorias são elaboradas para fruição ritual, ou seja, “existem para serem consumidas e destruídas nesse ato” (p. 166, 2012). Sendo assim, as alegorias se completam quando ainda estão na armação da escola minutos antes do desfile. Elas ganham vida durante a passagem na passarela, sendo consumidas pelos expectadores, lhes causando um “maravilhamento”. Por fim, morrem ao cruzar o portão de dispersão com o encerramento do desfile. Esse seria o processo ritual





de vida e morte das alegorias, uma existência efêmera cujo sentido é seu consumo pelos espectadores dentro do conjunto do cortejo.

Entretanto, o que vimos com o exemplo da escultura da Madre Teresa em suas três aparições é uma espécie de manutenção desse ritual, uma continuidade desse processo. Ou seja, ela cumpriu seu papel primário representando Madre Teresa de Calcutá no desfile da Mocidade; retorna no ano seguinte representando a Santa Morte na Sossego, e posteriormente retorna mais uma vez, só que agora representando a Nossa Senhora do Rosário. Em cada um destes processos ela é a expressão do trabalho de artistas, ligados a escola, que a criam, modificam, ressignificam de acordo com o objetivo pretendido. Em todas as aparições, repetir-se-ia o ciclo: ganhariam vida na sua passagem pelo sambódromo, sendo outra vez consumidas pelos expectadores e morreriam ao final do desfile.

E mais uma vez, ao final dos desfiles, essas esculturas retornam ao barracão e aguardam até o próximo carnaval quando poderão ser novamente reutilizadas, ressignificadas e farão parte de uma nova narrativa. Infelizmente, para o carnaval de 2021, não será possível contar com uma “quarta aparição” da escultura da Madre Teresa. Em maio deste ano, o barracão da Acadêmicos do Sossego, localizado na zona portuária do Rio, sofreu um grave incêndio que destruiu boa parte do que a escola levou para avenida em 2020, incluindo a última alegoria na qual a escultura estava. Encerrando, assim, sua trajetória.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. **Valorizando a batucada**: um estudo sobre as escolas de samba dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado





apresentada ao programa de Artes Visuais da Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

BARBIERI, Ricardo José. **O Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador: competição e colaboração entre as escolas insulanas.** Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 183-197, nov. 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual.** Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 17-27, 2006.

_____. **Formas do efêmero: as alegorias em performances rituais.** Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p. 163-183, dez. 2012.

GELL, Alfred. **Arte e agência.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *IN: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.*** Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

